

O DESAFIO DAS MINORIAS À HEGEMONIA DA SOCIEDADE PATRIARCAL NO FILME “MULHERES PERFEITAS”

Maria do Socorro Pereira de Almeida^{††}

RESUMO:

Este artigo trata de demonstrar, através da análise do filme “mulheres perfeitas” o papel da mulher contemporânea, envolta pela condição hegemônica da sociedade patriarcalista. São observados vários elementos inerentes a relação de gêneros, podendo destacar: os conflitos oriundos da correlação de forças entre o feminino e o masculino, na perspectiva da afirmação de uma identidade e os processos de exclusão social ao qual estão submetidas não só as mulheres, mas também aquelas pessoas que são consideradas inaptas e transgressoras, diante de uma sociedade que não admite a diferença, vangloriando-se do seu próprio poder de exclusão. Nessa linha de raciocínio procura-se também confrontar a projeção dos valores de Joana, protagonista do filme com as atitudes e sentimentos de alguns personagens da contista Dôra Limeira.

Palavras-chave: Sociedade, mulher, patriarcalismo.

ABSTRACT:

The present article shows through the analysis of the “Perfect Women” movie the contemporary woman’s role involved by the hegemonic condition of the patriarchalist society. Several elements inherent to gender relation are observed from which we can point out: the conflicts that come from the related strength between the feminine and manish in the assertion perspective of some identity and the social exclusion process to which not only the women, but also those kind of people who are considered unable and law violators are subjected to, before such a society which doesn’t accept the contraries, and boast of its own exclusion power. From this reasoning way it tries to confront Joana’s values projections, the movie protagonist, to the posture and feelings of some Dôra Limeira short story writer’s characters.

Key-Words: Society, woman, patriarchalism.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo uma leitura crítica do filme “Mulheres Perfeitas” onde busca cotejar aspectos como sentimento, sexualidade, poder e identidade no intuito de observar como estão representados esses aspectos, uma vez que o filme trata da luta pelo poder entre o feminino e o masculino numa perspectiva satírica, ao mesmo tempo em que

^{††} Professora de Literatura Popular e Portuguesa da Faculdade Sete de Setembro – FASETE, Professora de Literatura Brasileira e Estudos Culturais do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco - CESVASF e Mestranda do Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

mostra esses gêneros numa tentativa de afirmação de identidade perante uma classe dominante que oprime e impõe comportamentos, imagens e até sentimentos dos que a compõem e exclui aqueles que, por algum motivo, transgridem essas regras. Mostra também a intolerância das pessoas em aceitar as diferenças, sendo melhor descartar do que viver com alguém cujas diferenças não agradam. Por outro lado, busca-se uma ponte entre a protagonista do filme, Joanna, criada pelo masculino e algumas personagens de Dora Limeira, contista brasileira contemporânea.

Esse estudo traz um filme que trata, não só da sexualidade, mas também do sentimento inerente a qualquer ser, independente do sexo, traz também a idéia de que a sociedade não condiciona só a mulher, pois o homem também é o que lhe for instituído para tal. Assim, dentre os vários aspectos constantes no filme, lança-se o olhar na representação do sentimento, da sexualidade e identidade através da relação de poder tanto no filme quanto nos contos de Dora Limeira, observando especialmente as atitudes femininas.

Numa viagem através do tempo observa-se que o mundo é “macho” ou, pelo menos era até o século XX, quando a mulher resolve sair do anonimato. É bem verdade que essa insatisfação e a tentativa de se fazer ver e ouvir, da mulher, já vem desde o século XIX, com a crise de final de século, mas é em virtude da influência marxista, que criou a categoria de classe social e possibilitou a passagem dos oprimidos, entre eles as mulheres e os homossexuais pelas fronteiras do poder patriarcal e da classe dominante, que a mulher passa a ser um sujeito social.

Foi no início do século XX, com a ajuda dos aparatos tecnológicos como cinema, televisão entre outros, que essa transformação social veio emergir, fomentada pelo nascimento de uma nova área de consumo, talvez a mais forte até hoje, sendo, dessa forma, de todo interesse da mídia e do poder econômico. Assim a mulher se faz cada vez mais presente, mais ousada, então caminha-se para era da mulher transgressora que tenta a tomada do seu espaço, há tanto tempo ocupado por um só, quando o mundo, na realidade, não é tão homogêneo quanto se apresenta.

Essa luta árdua vai atravessando os anos até que, em 1980, as intelectuais criam a categoria gênero e esse patriarcado passa a ser repensado, pois a discussão sobre a discriminação feminina passa a ser assunto constante até que elas possam, quem sabe um dia, adquirir, respeitar e exercer sua própria identidade.

1. MULHERES (IN)PERFEITAS

Em toda história do mundo, através dos tempos, o homem descobre sempre novas maneiras de viver, e vai criando possibilidades de acomodação. Essas mutações vão se desenvolvendo e se aperfeiçoando a medida em que as gerações também vão sendo substituídas para continuação do ciclo. Assim de acordo com (HALL, 2005, P.59):

O sujeito assume identidade diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Entre outros, um dos pontos considerados como mutação foi a criação da agricultura e a fundição dos metais, há aproximadamente dez mil anos, isso fez com que os povos se alicerçassem em determinados lugares. Porém há menos de trezentos anos assiste-se ao nascimento urbano/industrial e ao desencadeamento dos inventos científicos e conseqüentemente o desenvolvimento tecnológico que hoje muda, não a cada século ou ano, mas a cada dia. Percebe-se, nesse fato, que a humanidade não estava preparada para transformações e informações tão constantes e em número tão grande. “Assim a humanidade caminha de uma lenta escalada para uma aceleração explosiva, principalmente depois da invenção do computador que dá início a segunda revolução industrial” (MURARO&BOFF, 2002, p. 10).

De conformidade com as transformações mundanas o ser humano vai acompanhando e se moldando, adquirindo novos conceitos e comportamentos, dessa forma, tanto o feminino quanto o masculino, são atingidos especificamente. Uma relação que no começo dos tempos era de harmonia quando homem e mulher, solidariamente, governavam o mundo, sofre suas mutações através dos tempos e aparece hoje embasada pela violência e luta pelo poder, esse fato se deve ao descobrimento da força do homem que, a partir de então, dá a mulher, apenas a liderança do domínio privado, enquanto o macho passa ao domínio público e ao início de uma sociedade patriarcal, na qual o homem teria todo o poder, sendo o gênero predominante.

Porém de acordo com os pesquisadores acima citados no fim do século XX, com a predominância do desenvolvimento técnico e científico, a mulher entra para o domínio público, porque “o sistema competitivo faz mais máquinas do que machos. No início do século XXI as mulheres são praticamente 50% da força de trabalho mundial, ou seja, para cada homem que trabalha, uma mulher também trabalha”. Essa participação da vida

profissional vai dar a mulher mais independência, no sentido de tomar certas atitudes e fazer suas escolhas, pois “a partir do momento que ganhava o próprio sustento e o dos filhos, podia deixar um homem a quem já não amava. Liberdade preciosa, quase desconhecida no século anterior” (BADINTER, 2005, P. 13)

Apesar de todas as transformações a sociedade continua sendo apresentada de modo harmônico e homogêneo quando é, na verdade, um complexo de variedades em todos os sentidos, religioso, econômico, social e sexual. A mascaração usada, especialmente no que se refere ao sexual, é falsa, porque a estatística foge a realidade, é praticada de maneira artificial e preconceituosa. Muraro (2001, P.9) afirma que “ a sociedade é tomada como um todo homogêneo e não com partes complexas em conflito, que é o que realmente acontece, portanto a estatística dá uma visão distorcida e homogeneizante da realidade”.

Essa homogeneidade apresentada custa o silêncio sofrido de muitos daqueles que não podiam se expor como o gay e a mulher. Nessa perspectiva, Dora Limeira (2007) mostra alguns microcontos como “A ultima vela acesa” no qual ela coloca a espera dependente da mulher, a solidão e o choro sufocado no silêncio que a faz, na falta do outro, encontrar a si mesma:

Maquiou-se, perfumou-se, e postou-se, pensativa, a esperar. O tempo passou. Meia-noite. Meia noite e meia e Mário não veio. Chorando, ela se agasalhou e se contraiu dentro da própria camisola. Uma lágrima se encaixou na primeira ruga abaixo dos olhos. Antes de dormir, tocou-se, massageou seios, coxas e vulva. Contorceu-se, gemeu e foi feliz sozinha ali mesmo, no quarto. Na sala, a última vela se apagou. Sobre a mesa, a cera quente derreteu a toalha de plástico. Mário não deu notícias.

Percebe-se que essa vela que se apaga representa o fogo, o desejo feminino que é sanado pela própria mulher e acompanhado pelo orgasmo que é a cera que se derrama o que mostra toda a natureza feminina sem usar um naturalismo chocante.

O filme em questão mostra também a condição de complexidade e conflito de um lado e a homogeneidade ilusória do outro. No primeiro apresenta a relação de minoria através de um gay, uma feminista e uma mulher transgressora que luta por aquilo que acredita e ainda ousa desafiar os homens, só que, como sempre acontece com a “minoria”, ela, a mulher, sai prejudicada e vai, a partir de então, lutar para dar a volta por cima sem se corromper perante as leis da sociedade, apresentadas como perfeitas.

Tudo começa quando Joanna, uma bem sucedida diretora de uma rede de TV lança dois novos programas e é chamada para apresentá-los. Ao chamá-la até a platéia a

apresentadora a trata como “a indomável”, um vocábulo que dá a conotação de algo selvagem, feroz, desobediente. Joanna fala dos seus programas e diz como irão ocorrer. O primeiro se chama A BALANÇA DO PODER, no qual contém um homem, uma mulher e um relógio e é um desafio entre os sexos. A própria Joanna já é uma irreverência pela posição que ocupa como profissional e ela revela o outro programa exclamando, “isto é inovação, revelação, transgressão de regras”. O programa se chama, EU POSSO FAZER MELHOR, uma espécie de reality show em que aparecem casais felizes que são levados para uma ilha paradisíaca onde ficarão separados e acompanhados por profissionais do sexo durante alguns dias.

Depois do primeiro programa o casal participante é apresentado e o homem revela não haver se relacionado com a garota, por ser fiel a esposa, no entanto é a mulher quem diz: “eu posso fazer melhor” e se rende ao rapaz colocado como objeto sexual, musculoso, bonito e apresentado como varão, o estereótipo do “gostoso irresistível”. A transgressão está no fato de a mulher ser a traidora já que o normal e aceito socialmente seria o homem não resistir ao popular “rabo de saia”. O homem que participou do programa aparece na platéia dizendo: “eu amo a Bárbara”! “Eu tinha uma vida!” E Joanna responde-lhe que ele agora sabia a verdade sobre a mulher e que arrumaria outra. Simbolicamente o fato representa, na atitude de Joanna, a tentativa de desmascarar a sociedade que mostra um contexto falso de uma imagem idealizada de mulher que, por sua vez, não pode transgredir essa imagem, pois o homem não está preocupado com a traição em si, mas com o fato de a mulher ter demonstrado sua sexualidade, seu desejo e procurar o prazer. É exatamente essa mulher não transgressora, não ousada, que Dora Limeira mostra no conto acima.

Como não poderia ser diferente, a atitude criativa de Joanna vai custar-lhe o emprego, pois foi interpretada como um desrespeito à família e uma ameaça ao bem-estar social, assim como é considerada toda atitude feminina que fere os brios sociais ou que ameaça o monopólio masculino, aspectos que se evidenciam no discurso da pessoa que está demitindo Joanna, quando se refere aos acionistas e redes afiliadas, ou seja, ao poder econômico masculino, que resolve jogar fora a “laranja podre”, (Joanna), para não estragar o “suco” social e levar o mundo ao caos. Dessa forma a protagonista seria o símbolo da discórdia, da desarmonia do sistema, até então, em perfeito funcionamento.

Uma mentalidade social que fez da mulher algo para ser protegido pelo homem para que assim esses se mantivessem no poder, cria situações castradoras e vergonhosas como acontece no caso das **mulheres sem par** (grifo nosso). Um senso feito na Inglaterra em 1861

traz a tona uma quantidade assustadora de mulheres solteiras, sozinhas. Nessa condição, a mulher era considerada como

a que sobrava, a de número ímpar, a solteirona que não conseguia ninguém para se casar, assim as mulheres sem par eram um problema social, precisavam ganhar o pão de cada dia entrando em concorrência com os homens pelo emprego em vez de administrar o ganho do marido. Privadas das obrigações de esposas, elas teriam que garimpar ocupações artificiais e difíceis” (SHOWALTER – 1993 p. 37).

Para a sociedade essas mulheres eram dignas de pena, eram as excluídas por não terem competência de arrumar marido. Teriam que levar uma vida respeitada, manter a castidade e se dedicar a solidariedade, além de participar ativamente da vida religiosa, até porque, muitas só encontravam alento para suas lamentações na igreja e viravam carolas. Porém a nova mulher, ou seja, a mulher contemporânea traz uma nova consciência de pensamento e comportamento.:

Ao contrário da mulher sem par, celibatária, sexualmente reprimida e alvo fácil para a paixão ou condescendência como destroços deixados pela maré matrimonial, a nova mulher, sexualmente independente, criticava a insistência da sociedade no casamento como única opção da mulher para a realização na vida. (ibid. p, 61).

Nessa perspectiva observa-se na protagonista do filme, a nova mulher, imbuída de todos os preceitos tecnológicos atuais e com uma mentalidade de um mundo igualitário, onde as oportunidades, direitos e deveres são iguais para todos e onde as mulheres poderiam fazer suas escolhas e serem donas dos seus próprios pensamentos e vontades.

Abrindo um parêntese nessa condição da nova mulher, Dora Limeira vai mostrar o outro lado da moeda, apesar de a mulher, no começo do século XX, já ver o mundo de outra forma, muitas mulheres se mantinham submissas por várias razões, políticas, financeiras ou mesmo intelectuais, é o que mostra o conto “Mulheres, meninos e ditadura militar”, no qual a autora coloca personagens que fazem parte da condição de minoria mesmo já nos anos 60. O conto de Dora retrata a condição de nova mulher não numa perspectiva de subversão, mas de sofrimento, de superação pela sobrevivência, mostra a condição de subvida de famílias, que numa sociedade sustentada por homens, apenas sobrevivem, não se dão ao direito de se preocuparem com outras coisas como mostra o fragmento a seguir:

Gregório o dinheiro que você mandou para que eu pagasse a prestação da casa, atrasada, eu usei para pagar a mercearia. Coloquei em dia a cadernetinha do fiado. O dono da mercearia tinha ameaçado não fornecer mais nada enquanto não saldasse o débito. Estava faltando tudo [...] (p. 18)

Observa-se na carta que a esposa escreve para o marido uma preocupação medíocre e a descrição da rotina com detalhes dispensáveis. Nesse aspecto a autora mostra uma certa alienação por parte da mulher. Apesar de ela está, nesse momento, responsável pela família, mostra a acomodação, o conformismo com a posição ocupada, apenas vive e espera pelo marido. No final a mulher se despede e assina *Rafaela*, nome que seria a derivação ou o feminino de Rafael, remetendo, não só a Eva (fruto da costela de Adão), mas também a condição da mulher ainda a sombra do homem. Apesar da distância, Rafaela era apenas a substituta temporária do marido, dando todas as satisfações e justificativas de suas ações através de cartas.

Embora haja algumas semelhanças entre Joanna e Rafaela, é no aspecto acima que está a maior diferença entre elas. Limeira mostra a condição da mulher submissa, assim como as crianças. A autora nivela a posição deles, essa repressão fica clara na passagem do táxi como se o motorista, (sociedade patriarcal), os amedrontasse, reprimisse, como se tudo que eles fizessem fosse errado e pudessem ser punidos:

Como sempre foi difícil apanhar um táxi. Você sabe. Os motoristas não gostam de transportar crianças. Fazem xixi nos bancos, vomitam...[...] O motorista fez mil recomendações. Cuidado para não cuspir nos bancos, olha! Tem alguém querendo fazer xixi. Os meninos sentiam-se intimidados agarrados comigo [...] (p.17).

Já o filme traz a mulher que tenta derrubar essa barreira, porém o nome de Joanna também é derivado do masculino João, mostra que ela, através, das ações tenta se libertar dessa condição submissa, embora tenha que se vestir e agir diferente das outras mulheres. Observa-se que enquanto Limeira mostra uma mulher acomodada e vítima, o filme mostra uma mulher inconformada que tenta se livrar das amarras, porém a mulher Limeiriana faz parte do contexto de um período de repressão militar enquanto Joanna é uma mulher da atualidade.

O filme mostra que, apesar de ser uma mulher diferente, Joanna tem uma família, marido e filhos. O marido apresenta um aspecto também diferente e um tanto transgressor por mostrar uma condição, não de dominador, mas de companheiro, de participante de uma mesma situação. Ele pede demissão em solidariedade a mulher. Joanna entra em depressão e

o casal resolve mudar de vida indo para uma cidade pacata e afastada da grande metrópole. A perda do emprego assim como a depressão nervosa vão simbolizar a queda para uma possível mudança. A própria Joanna começa a se questionar dizendo: “talvez eu seja o tipo errado de mulher”, ou seja, será que ela seria realmente o erro, a discórdia, aquela que tinha que mudar para que o mundo a aceitasse?

Essas reflexões vêm à tona na nova e calma cidade, Stepford, situada em (Conectcut), onde foram recebidos pela Sra. Wellington que se comportava como a dona do lugar. A imagem da cidade é de um paraíso perfeito, a fotografia do filme retrata com fidelidade a imagem da perfeição, da beleza e da tranquilidade como se ali se estivesse fora do mundo. A própria Sra. Wellington afirma que naquele lugar não tem problemas, crime e nem stress. A impressão que passa é de um lugar onde tudo é perfeito, porém perfeito demais para a realidade do mundo atual, tendo em vista que a cidade estava dentro dos mais altos padrões da modernidade com relação a ciência robótica e a computação. Nas casas não se precisa fazer quase nada, a geladeira escuta e obedece, faz suco sozinha, esse fato remete a obediência da mulher quando, numa demonstração do produto, a Sra. Wellington diz: “queremos suco” e a geladeira obedece. O cachorro é um robô (não faz sujeira). Tudo isso dá indícios de um mundo robótico criado pela sociedade dominante na qual tanto homem quanto a mulher obedecem a comandos ditados por ela.

Essa perspectiva de dominação de ambos é estabelecida dentro dos parâmetros sociais dos quais a mulher também participa e espera do homem a correspondência da imagem construída pelo imaginário social. A jornalista americana, Norah Vincent, viu essa realidade no momento em que resolveu se passar por homem, durante algum tempo, no intuito de embasar uma pesquisa. Como Ned, ela viu e ouviu coisas que vão de encontro a tudo que se pensa a respeito dos gêneros e uma delas corresponde a posição masculina. Numa entrevista à Revista Veja, de 12 de julho de 2006(páginas amarelas):

Ao ver de perto como os homens se comportam, desmontei a idéia muito propalada entre as mulheres de que tudo na vida é mais fácil para eles. A condição sexual sempre foi vista como um peso muito maior para as mulheres do que para os homens. Mas os homens também têm de corresponder a tudo que se espera deles, o que pode resultar numa ansiedade brutal. Está na hora de tomarem consciência de quanto as expectativas sociais - inclusive das mulheres em relação a eles - os limitam.

Voltando ao filme, nota-se que a perfeição não é sinal de que tudo esteja bem, a cidade era comandada pelo casal Mike Wellington, aparentemente feliz, a cada imagem perfeita passada era motivo de estranhamento para Joanna. Simbolicamente a cidade representa a

hegemonia patriarcal apresentada pela sociedade que, no filme, é representada pela própria Sra. Wellington. É a idealização da sociedade perfeita onde todos pensam iguais e agem da mesma forma, como se as pessoas não pudessem ou tivessem capacidade de pensar diferente do que era imposto, assim nossa heroína se sentia diferente e o seu marido também Corroborando .com a idéia de que, apesar da tentativa de afirmação da identidade feminina, os resquícios patriarcais ainda são vigentes e fortes como afirma Donval:

A que podemos atribuir os comportamentos e os sentimentos de hesitação entre os sexos? Ao fato de estarmos num tempo de passagens. Por mais intolerável que seja aos olhos de muitos (sobretudo das mulheres) e a ordem patriarcal e por mais desagradável que seja a ordem igualitária, a primeira não foi ainda verdadeiramente ultrapassada nem a segunda foi verdadeiramente conquistada (2002, p. 56).

Dessa forma observa-se que a condição colonizadora do homem ainda continua viva enquanto os colonizados que, na realidade, não é um, mas são vários grupos, ou seja, todos os que fazem parte da condição de minoria como mulheres, gays, pobres, deficientes, negros e outros, serão sempre os que lutam para ter o seu lugar, embora a máscara tente cobrir essa realidade através de programas humanitários, cotas, estudos direcionados que, muitas vezes, são patrocinados e comandados pela classe dominante, mantendo sempre a condição imperialista do poder financeiro e intelectual.

A cidade, para onde vão os protagonistas, representa o mundo como sempre foi, Joanna como via esse mundo por outro prisma, nunca tinha observado sua diferença em relação as demais mulheres e as regras sociais. Foi a epifania da demissão, da queda, que a fez ver essa diferença e a impotência de lutar contra a “maioria”. Só agora ela via o mundo como ele realmente era e que, as pessoas que não se enquadram nele, estavam fadadas a exclusão.

Essas regras, no filme, são expressas de várias formas como modelos a serem seguidos, um aspecto interessante nesse sentido é o estereótipo da loira, magra, bonita, fútil e burra; **a mulher barbie**, (grifo nosso) vaidosa, para ser admirada pela plástica e pela elegância, jamais pela intelectualidade. O contexto cinematográfico traz também uma crítica ao imaginário popular quando a mulher se dedica a uma vida profissional. Quando ela trabalha demais deixa de cumprir suas “obrigações” como mulher, o marido de Joanna deixa isso claro quando diz “você ficou tão ocupada que não transamos a um ano”.

Dentro desse novo mundo, Wallter, marido de Joanna, não foge a sua natureza de macho dominador e, para acompanhar a maioria, passa a fazer cobranças e desabafos. Com relação a vestimenta da mulher ele diz: “só as executivas castradoras de Manhattan usam

preto”, essa era a roupa preferida de Joanna, o que mostra mais uma vez a diferença entre ela e a maioria das mulheres ditas “normais”, coloridas, felizes, mesmo que fosse por mera obediência à hipocrisia social. Por outro lado nota-se que a vestimenta de Joanna e até seu corte de cabelo, de certa forma, a masculinizavam, como se de outra forma ela nunca tivesse chegado onde chegou, por exemplo, a liderança de uma empresa. No momento que ela mostrou que, por trás da roupa e do cabelo havia uma mulher, foi imediatamente execrada.

O filme mostra as mulheres sendo controladas por controle remoto, o que simboliza o comportamento subserviente da mulher na sociedade, onde tendem a ser literalmente controladas como máquinas, sem direitos a sentimentos ou pensamentos, onde é dito como se comportar, como falar e até como ser dona de casa. Cuida, arruma, lava e ainda serve ao marido com uma felicidade estampada, como se não tivesse o direito de se sentir infeliz ou de ter problemas. Só os homens têm vida profissional, portanto só eles têm problemas, as mulheres devem ser felizes, afinal, lhes são dadas casa e comida, ou choram escondido como a protagonista de “A última vela acesa”. Engolir o próprio choro e o desejo para não ser punida, sempre foi uma característica da mulher, para serem aceitas pela sociedade.

A preocupação com a perda de poder é comum a cada ser, e com o homem não é diferente, uma vez ameaçado ele procura alianças, parcerias para se fortalecer tal qual acontece na política. Portanto a preocupação e o medo da perda existem desde que existe o homem e, considerando que a mulher há muito tempo não é participante ativa da vida masculina, eles sempre tiveram o costume de se reunirem longe delas, faziam grupos para tratarem de assuntos diversos inclusive de mulheres, assim o clube do bolinha sempre existiu e atualmente a situação não é diferente. Nolasco (1995, p. 16), afirma que “em vários países do ocidente homens de diferentes faixas etárias se aliam para formarem grupos de reflexão sobre a condição masculina contemporânea.”

Partindo dessa perspectiva compreende-se a existência de um clube para homens em Estepford, nesse clube eles conversam, se divertem e articulam idéias para manipulação de suas mulheres, é como se os homens tivessem um mundo diferente delas, o mundo das mulheres estava restrito a casa e, ultrapassar essa fronteira, seria transgressão aos bons costumes. Nas reuniões eles brincavam com carrinhos de controle remoto que representavam o masculino e o feminino, quase sempre em disputa. Em um dos jogos o robô masculino arranca a roupa do robô feminino e o dono do carrinho que, por incrível que pareça é Wallter, marido de Joanna, grita: “Zeus comanda o universo”. Zeus era o nome do carrinho, mas ele completa sua fala dizendo: “isso é que é ser homem”, como se ser homem fosse se sobrepor às mulheres e ganhar sempre delas.

Nessa perspectiva de lazer a mulher participava do clube do livro, no qual o mais importante era um receituário de criações para decoração doméstica, o que mostra a pouca utilização da intelectualidade feminina. Tudo isso deixava Joanna inconformada, mas ela já começava a pensar que era a errada por se achar diferente, no entanto ela ganha a parceria de um gay e de uma feminista também excluídos da sociedade, eles representam a quebra da hegemonia ilusoriamente perfeita, eles são exatamente a variedade, os diferentes, os transgressores, os maus exemplos e se unem em prol de um espaço respeitado e uma identidade aceita.

Na cidade em que estão vivendo, Walter não consegue ser diferente dos outros homens, também não quer ser taxado de o dominado, estampado no rosto dos colegas, então se **encaixa** (grifo nosso) na nova convivência e é levado a acreditar no “erro” de sua esposa e resolve transformá-la também em robô, ou seja, ele adentra o todo, esse que jamais abrirá exceções, o que fica evidente na aceitação dos gays no clube dos homens com a condição de que se comportem como homens, tanto que usam neles o método da mutação cerebral e, a partir de então, eles começam a agir como homens. Esse fato mostra que a sociedade manteve presos, não só as mulheres, mas todos aqueles que não podiam ter uma identidade vista como fora dos padrões “normais”.

Esse aspecto remete mais uma vez as heroínas limeirianas agora no caso de Amarília, do conto “Kiss, Sweet Kiss”, uma mulher sozinha que sufoca o seu desejo para que o mundo não a condene. Assim vemos a mulher em dois ângulos. Em Dora Limeira a mulher está só em virtude do abandono e da rejeição. No filme vê-se uma mulher acompanhada, mas que, uma vez sozinha, poderia viver exatamente da mesma forma, ou seja, não teria que se esconder, arrumaria um ombro masculino quando quisesse. Amarília, personagem de Dora Limeira, se ver abandonada e tendo que assumir a família, porém a autora mostra que não é só isso, que existe o outro lado, o lado mulher que procura o masculino, numa condição de necessidade e complitude, mas esse é o lado não assumido, porque é vergonhoso, proibido, feio. Já o comportamento e a liberdade de Joanna dá a entender que, uma vez sozinha, ela assumiria sua sexualidade com naturalidade.

O filme vai evidenciando a posição de cada personagem, Bobie, a amiga feminista de Joanna, faz jus a sua posição na história, quando diz para Joanna que naquele lugar “as mulheres eram apenas objetos sexuais e os homens uns nerds babões”, comandam como se fossem uma só cabeça pensando, todos partilham da mesma opinião. Em uma das reuniões do clube, as amigas vão espionar e invadem, esse fato remete a tomada de espaço da mulher e a “invasão” feminina ao mundo masculino.

Um aspecto interessante no contexto cinematográfico é a representação física dos personagens, todas as mulheres da cidade inclusive a Sra. Wellington, eram loiras, bonitas, magras, bem arrumadas e se comportavam exatamente da mesma forma, além de só usarem saias ou vestidos. Quebrando essa harmonia de cores e tranqüilidade, Joanna tinha os cabelos escuros, usava moletom para fazer ginástica e gostava de preto além de ser uma mulher de ação e pensar diferente.

Bobie é o estereótipo da própria feminista, baixa, de cabelos encaracolados, feia, de idade já ultrapassada para as núpcias, usa óculos e só veste calças. Em casa, não é nem um pouco organizada e também não gosta de cozinha; já a Sra. Wellington em nenhum momento lhe é dado um nome independente, é como se ela existisse só porque o marido existia como era a condição da mulher que casava para receber o nome do marido e poder ser alguém. Dessa forma vê-se que a fotografia e o figurino complementam a ação discursiva do filme. Por outro lado, os machistas transformam Roger e seu parceiro em homens, mostrando que o mundo é dos machos e, assim como as mulheres, os gays também deveriam se acomodar as regras e esquecerem seu Eu para ser o que a sociedade quer que eles sejam, dessa forma o que se ver não é a perda, mas a usurpação da identidade de grupos que representam as “minorias”, pela sociedade dominante.

Joanna, no momento que invade o clube, descobre que todas aquelas mulheres já foram bem sucedidas profissionalmente, mulheres independentes financeiramente, porém foram tiradas de “circulação”, porque representavam uma ameaça ao poder patriarcal, tal concepção se evidencia no discurso de Wallter, para ele, Joanna tinha o poder da família porque ganhava mais “sempre ganhou seis vezes mais do que eu”, continuando, ele fala também em nome dos colegas, “nos casamos com mulheres maravilha, amazonas, isso nos torna uns fracotes”. Tal pensamento remete a idéia de que o poder está na independência de pensamentos e ações e no fator econômico, a partir do momento que a mulher tiver isso, ela terá o poder, o que não seria admissível, por isso lhe é negado o espaço.

No clube, Joanna assiste a um vídeo, no qual ver que o futuro será aquele das “mulheres perfeitas”. De certa forma o filme critica a sociedade atual, mostra que a independência da mulher e seu espaço ocupado tiram-na de casa e transforma o mundo em um caos, assim, para haver futuro, a mulher teria que voltar a ser como antes, aquela que diz sim, que aceita e que espera como Rafaela, personagem de Dora Limeira.

Na hora de Joanna ser colocada na máquina para a mutação cerebral, (tarefa exercida pelo marido), ela vai lutar com uma arma que é inerente a mulher e bem mais poderosa que qualquer outra, **o sentimento** (grifo nosso) . Nesse contexto o filme mostra que o sentimento

jamais será substituído, que quando existe amor entre um casal, não existe poder nem dominação e sim companheirismo, partilha, cumplicidade e completude. O que se evidencia pelo fato de o marido não ligar a máquina e os dois juntos transformam a sociedade, ou seja, quebram a tradição, desmascaram a hegemonia, mostram o que realmente existe dentro de cada um, seja homem ou mulher. Evidencia-se a epifania quando as mulheres despertam como se estivessem renascendo, saindo de um pesadelo e soltando as amarras.

A mulher que a sociedade dominante quer é aquela que se preocupa com as futilidades, superficialidades e a comodidade de uma boa e sossegada vida, sem as emoções que essa pode causar. A história é uma crítica a robotização, pois, mesmo com todos os problemas e agruras, todos devem participar desse mundo, tendo o direito de ser o que é e não corresponder apenas a uma idealização de uma classe que institui regras, imagens, comportamentos e até sentimentos, além de excluir aqueles que ousam ser autênticos e assumir sua identidade ou pelo menos buscá-la.

Na visão da classe dominante, representada no filme pela Sra. Wellington, o mundo seria uma catástrofe, se cada um tiver o seu próprio pensamento, seria o fim, o apocalipse, afinal a mulher já é maioria em número. O filme traz uma quebra e um pouco de ironia na figura de Walter, é exatamente ele(homem) que, ao se recusar a fazer da mulher mais um robô, muda a concepção de macho, pois mostra que não quer apenas comandar uma máquina e sim ter com quem compartilhar sua vida de maneira completa e não só nas futilidades, pois o sentimento é o que rege o mundo acima e apesar de tudo, não importa se fraterno, hétero ou homossexual, é apenas sentimento, e esse, é a razão e a emoção, as duas metades que completam o todo. Através de Walter se pode ver que ser o homem não é ser aquele que domina pela força, mas o que conquista por **ser** o que é.

O personagem de Mike Wellington mostra que o homem é também um produto criado pela sociedade e que essa o institui para ser o que é e pensar como pensa. Walter e Joanna desconstruem a concepção social de família perfeita composta pelo marido e pela mulher doméstica e mostra que os dois podem conviver em harmonia quando há o devido respeito como seres humanos que são. O filme mostra, na figura da Sra. Wellington, que a mulher que se ocupa com outras coisas, que não seja com o marido e com os filhos, pode ser trocada pela “mulher perfeita”, a modelo instituída pela sociedade. Ela havia sido trocada por uma de 21 anos, loura e bonita que hoje é o estereótipo da modelo de mulher como se para ser mulher, tivesse que ter essas qualidades e ainda estar sempre disponível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da abordagem interpretativa dada ao filme “mulheres perfeitas” nota-se a idealização de um mundo e de uma sociedade perfeita e a criação de tipos e modelos a serem seguidos desde que dirigidos pelos homens. A morte da Sra. Wellington representa a queda dessa sociedade patriarcal, a negação dessa hegemonia de um poder único, em prol de um mundo feito de diferenças onde cada um respeita a escolha do outro, porque a perfeição não existe.

O nome do lugar (Conectcut) mostra a relação com a contemporaneidade robotizada, computadorizada. Assim como o nome da cidade observa-se também o nome especialmente de alguns personagens, a Sra. Wellington, por razões já ditas e pela falta de identidade porque, como líder da cidade, o nome masculino dava-lhe a condição de poder, consentindo que é necessário sempre ser homem para ter o poder, mesmo quando se é mulher. Outro nome é o de Joanna, a transgressora, a diferente, a que via além, afinal ela é quem descobre todo o esquema usado para domínio das mulheres da cidade; ela a que não se rendeu aos domínios patriarcais. Essa Joanna remete a outra que ousou também ver o que ninguém via e ir de encontro às leis e regras impostas, Joanna, no filme, também estava fadada a ser destruída por não ter perdido sua identidade assim como Joanna D’arc.

Já com relação a literatura de Dora Limeira está ligada a submissão da mulher e a mostra como vítima, sem perspectiva. Tanto Rafaela quanto Amarília mostram essa condição de submissão sem o poder de luta, apenas agindo clandestinamente, sem ousar transgredir. Só o filho de Amarília tinha nome, a menina era apenas menina como se tivesse que crescer para obter um nome através do homem, e até o próprio nome da protagonista mostra a condição da mulher que ama em si mesmo Amarília que remete ao ilhamento do ser. O filme mostra os dois lados, a repressão e a mulher que vai de encontro a ela e que, apesar da guerra dos sexos instalada há muito tempo, homens e mulheres não são apenas masculino e feminino, mas seres humanos e não adianta tentar manter o poder sobre um ser que, mesmo contrariando, pensa e tem direito de escolha e de ser dona da própria vontade.

REFERÊNCIAS

BADINTER, , Elizabeth. **Rumo Equivocado: O feminismo e alguns destinos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Blog. Desenvolvido pela Ipower Blogger. Apresenta textos e poemas de Dôra Limeira. Disponível em <http://doralimeira.blogspot.com>. Acesso em 16 de Junho de 2007.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

LIMEIRA, Dora. **Preces e Orgasmos dos Desvalidos**. João Pessoa: Manufatura, 2005.

LINE, Donald de; GRUNFEL, Gabriel; RUDIN, Scotte; e SCHERICK, Edgar J. **Filme Mulheres Perfeitas**. *Estúdio*: Paramount Pictures, Hollywood, 2004.

MURARO, Rose Marie & BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino, Uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

MURARO, Rose Marie & PUPPIN, Andréa Brandão (org). **Mulher, Gênero e Sociedade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

NOLASCO, Sócrates. **A Desconstrução do Masculino, uma contribuição crítica à análise de gênero**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

REVISTA VEJA. Entrevista de páginas amarelas com Norah Vincent. São Paulo: Editora Abril, Edição 1964 de 12 de julho de 2006.

SHOWALTER, Elaine. **Anarquia Sexual. Sexo e cultura no fim de siecle**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

Outras Obras Consultadas

FERREIRA, Dina Maria Martins. **Discurso Feminino e Identidade Siocial**. São Paulo: Anablume, 2002.

LACROIX, Xavier (org) **Homem e Mulher, A Inapreensível Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2002.